

O *passing* racial norte-americano nos anos 1920: uma análise do filme *Identidade*, de Rebeca Hall

The North American racial passing in the 1920s: an analysis of the film Identity, by Rebeca Hall

Sofia Schemes Prodanov¹

Julienne França Ferreira²

Claudia Schemes³

Daniel Conte⁴

Resumo: Este artigo tem como temática o fenômeno do *passing* racial existente nos Estados Unidos nos anos 1920. O significado da palavra *passing* é passagem e se refere a um conceito utilizado para descrever a condição em que um indivíduo consegue passar-se por membro de um grupo étnico distinto do seu, mas esta palavra também pode significar a morte. Analisamos esta questão a partir do contexto histórico norte-americano e das desigualdades sociais e discriminação racial. Utilizamos o filme *Identidade*, lançado na plataforma Netflix em 2021, adaptado da obra de Nella Larsen (1929), com direção de Rebeca Hall. A narrativa fílmica tem como ambientação a cidade de Nova York, tendo como protagonistas as personagens Irene, casada com um homem negro, mãe de dois filhos, moradora do bairro de Harlem, dona de casa e ativista social, e Clare, mulher negra de pele mais clara que vive sua vida se passando por branca e que é casada com um homem rico, também branco, e racista. O filme conduz a um drama tenso que mostra o racismo dentro da sociedade e o conflito das escolhas identitárias das personagens.

Palavras-chave: Identidade; Estados Unidos; Anos 20; Racismo.

Abstract: This article has as its theme the phenomenon of racial passing that existed in the United States in the 1920s. The meaning of the word *passing* is passage and it refers to a concept used to describe the condition in which an individual manages to pass himself off as a member of an ethnic group other than your own, but this word can also mean death. We will analyze this issue from the North American historical context and social inequalities and racial discrimination. We will use the film *Identity*, released on the Netflix platform in 2021, adapted from the work of Nella Larsen (1929), directed by Rebeca Hall and set in New York City, with the protagonist Irene, married to a black man, two children, resident of the Harlem neighborhood, housewife and social activist and Clare, a lighter-skinned black woman who lives her life pretending to be white and who is married to a rich man, also white, and racist. The film leads to a tense drama that shows racism within society and the conflict of the characters' identity choices.

Keywords: Identity; United States; 20's; Racism.

Resumen: Este artículo tiene como tema el fenómeno del *passing* racial que existió en los Estados Unidos en la década de 1920. El significado de la palabra *passing* es pasaje y se refiere a un concepto utilizado para describir la condición en la que un individuo logra hacerse pasar por miembro de una etnia distinta a la suya, pero esta palabra también puede significar muerte. Analizaremos este tema desde el contexto histórico norteamericano y las desigualdades sociales y la discriminación racial. Usaremos la película *Identity*, estrenada en la plataforma Netflix en 2021, adaptada de la obra de Nella Larsen (1929), dirigida por Rebeca Hall y ambientada en la ciudad de Nueva York, con la protagonista Irene, casada con un hombre negro, madre de dos hijos, residente del barrio de Harlem, ama de casa y activista social y Clare, una mujer negra de tez más clara que vive su vida fingiendo ser blanca y

¹ Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, licenciada em Letras Português/Inglês (Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil).

² Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, bacharel em Moda (Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil).

³ Doutora em História, professora do PPG Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil).

⁴ Doutor em Literatura, professor do PPG Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale/Novo Hamburgo/RS/Brasil).

que está casada con un hombre rico, también blanco, y racista. La película conduce a un drama tenso que muestra el racismo dentro de la sociedad y el conflicto de las elecciones de identidad de los personajes.

Palabras clave: Identidad; Estados Unidos; Años 20; Racismo.

Introdução

Neste artigo, abordamos o fenômeno do *passing* racial nos Estados Unidos nos anos 1920 ao passo que analisamos o tema a partir do filme *Identidade*. A narrativa fílmica é uma adaptação da obra de Nella Larsen, publicada em 1929. A produção audiovisual tem direção de Rebeca Hall e foi lançada na plataforma Netflix, logo após sua estreia no Festival de Sundance, que tomou Park City, em Utah, no ano de 2021.

O filme evidencia como o racismo e a segregação são operadores significativos do imaginário social e afetam as identidades dos sujeitos, levando-os a se apropriarem de uma cultura considerada dominante com o intuito de serem socialmente aceitos. A película mostra, por exemplo, como alguns negros de pele mais clara, característica que os faz transitarem entre os brancos sem que levantem suspeitas de sua ascendência, apropriam-se desta cultura e dela são, de fato, constituídos. Ao pensar os conceitos de identidades ligados à cultura, faz-se necessário levar em consideração a afirmação de Laraia (2007, p. 24) quando diz que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”. As palavras do autor são significativas, uma vez que entende a cultura como linguagem constituída no/pelo sujeito.

A história da obra cinematográfica está centrada em duas personagens: Irene, mulher negra, casada com um homem negro, com dois filhos, moradora do Harlem, dona de casa e ativista social; e Clare, mulher negra de pele mais clara, que se passa por mulher branca – ela é casada com um homem rico, branco e racista. A trama acontece em dois bairros de Nova York: um dos brancos, onde os negros são proibidos de circular; e o Harlem, bairro no qual pessoas negras moram e trabalham.

O filme traz uma representação cultural por meio de uma linguagem conceitualmente fílmica, a qual está presente em vários aspectos das cenas. Tal ambientação, conjugada aos cenários, que são um espetáculo à parte na obra, apresentam o contexto histórico e social das pessoas que compõem a população branca e sua posição dominante, bem como a dos negros com a discriminação sofrida. Uma boa ilustração disso é o luxo exibido na mobília do salão de chá do Hotel Drayton, espaço em que as personagens principais se encontram pela primeira vez ou, ainda, a casa de Irene, que apresenta um ambiente mais reservado, escuro e simples.

A personagem Irene faz parte do comitê da negritude e é uma ativista que acredita ter uma vida feliz. Em determinado momento da narrativa, decide fazer um passeio pelo bairro onde os brancos moram, com a finalidade de observar o modo como eles vivem. Ela se sente, entretanto, sufocada e com muito calor. Resolve, então, ir tomar chá em um hotel. A personagem se esconde atrás de seu chapéu para ocultar sua negritude e observar o que se passa ao seu redor. Dissimula, assim, a sua presença, intuindo uma permanência estruturante de si.

Nesse contexto do Outro, velada por uma máscara e com sua pele retocada com pó branco, Irene encontra sua amiga de infância, Clare, uma mulher também negra de pele mais clara, que, ao longo de sua vida, simula uma branquitude operacional. Ela é casada com um homem rico, branco e que vislumbra o mundo e seu funcionamento a partir dos conceitos deterministas da racialidade. A história se desenvolve a partir desse reencontro das duas mulheres quando as questões relacionadas às suas identidades se tornam objeto de reflexão.

A partir desse enredo, temos como objetivo refletir a respeito das escolhas identitárias das personagens, levando em consideração o contexto histórico norte-americano da década de 1920. Os principais estudos teórico-críticos utilizados para este ensaio são de autoria de Leandro Karnal e Demétrio Magnoli, para a contextualização histórica; Roque Laraia, para o conceito de cultura; Patrick Charaudeau, para as questões de identidade e, ainda, Stuart Hall para os conceitos de identidade e representação.

Os Estados Unidos nos anos 20 e o *passing* racial

Ao pensarmos sobre a ideia e sobre conceitos de cultura, deparamo-nos com um leque definitório que se abre diante nossos olhos e, dentre essas definições, temos a de Edward Tylor (1871), que afirma: cultura é “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes, ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR *apud* LARAIA, 2007, p. 25). À esteira do autor, aparece Laraia (2001) que amplia a ideia de Tylor ao afirmar que cultura não é apenas algo determinado por fatores biológicos do ser humano nem está relacionada, diretamente, à localização geográfica das pessoas. Trata-se de um processo complexo surgido a partir da interação entre seres humanos, por meio do desenvolvimento da inteligência e pelo consequente domínio dos símbolos e dos meios de comunicação entre os indivíduos. Em outras palavras, para Laraia (2007), a cultura está direta e totalmente vinculada à ordem do imaginário social, significando e organizando o pensamento simbólico dos sujeitos comuns que pautam a sobrevivência diária ao fazer cotidiano.

O processo complexo ao qual Laraia (2007) se refere pode ser entendido pelo contexto histórico dos Estados Unidos na década de 1920. Esse período se caracterizou por um grande crescimento econômico que aumentou, significativamente, o poder de compra da população. Sem embargo, este crescimento não se deu de forma igualitária, pois a desigualdade social, que já se constituía como algo a ser rearranjado na ordem sistêmica da economia, acentuou-se com o ininterrupto fomento à criação de demandas específicas de consumo. Consoante Karnal (2007), os 13% de norte-americanos mais ricos detinham 90% da riqueza do país e, aproximadamente, 50% da população vivia abaixo da linha da pobreza. Esse percentual, ademais, era formado por uma maioria de sujeitos negros, que sofriam uma forte discriminação racial, marginalização sistemática no que se refere às políticas públicas. Como se não bastasse esse conjunto perverso de mecanismos do poder centralizador, tais sujeitos ainda tinham sua mão de obra subvalorizada, o que os levava, paulatinamente, a um espaço hostil e estéril da malha antropológica da produção de riquezas.

Esta discriminação, segundo Karnal (2007), já vinha de longa data, mas as leis de Jim Crow, promulgadas no final do século XIX e início do século XX, impuseram a segregação racial, uma vez que definiram a “regra de uma gota”. Tais preceitos diziam que, se a pessoa tivesse uma gota de sangue africano, deveria ser considerada como oriunda da raça negra. Foram essas leis que moldaram a ideia de quem era negro ou não (MAGNOLI, 2009).

É evidente que a interação social decorrente desse contexto, os símbolos e os meios de comunicação entre os sujeitos que Laraia (2007) menciona podem ser vistos através das leis segregacionistas que surgiram nos Estados Unidos. Um dos mais importantes exemplos de segregação é a lei de 1924, do Estado da Virgínia, que determinou a ilegalidade do casamento entre sujeitos brancos e negros. Segundo Magnoli (2009), esse critério tornou-se padrão para quase todos os estados norte-americanos, o que estimulou o racismo.

A segregação patrocinada e, por conseguinte, legitimada pelas forças de Estado fossilizou-se no imaginário social americano e objetalizou não só o sujeito negro, mas todos aqueles que orbitavam o campo simbólico da negritude americana. Tal perversão imaginária foi operada à revelia da importância do imaginário cultural dos sujeitos negros para a fundação e organização da nação americana, bem como de sua permeabilidade em diversos estratos da cultura do país.

A partir desse contexto, surgiu o fenômeno que ficou conhecido pelo nome de *passing* racial, tratado no filme, e que, inclusive, tem como título original o próprio termo em questão. Este fenômeno significa que uma pessoa negra ou de ascendência multirracial se passa por branca como estratégia para fugir do preconceito e da segregação. Nix e Qian (2015) referem:

“entre 1880 e 1940, estima-se que cerca de 19% dos homens negros norte-americanos tenham se passado por brancos em algum momento das suas vidas”, o que mostra que este fenômeno era bastante comum. O *passing* institui à pessoa a condição de um Outro que tem seu trânsito legitimado na operação social, diminuindo, dessa forma, as potencialidades da(s) dor(es) e das penalidades “naturais” que se originam da bárbara sociedade racista.

Nessa ordem, o fenômeno do *passing* pode ser entendido como uma estratégia de reinvenção identitária (MAGNOLI, 2009) ou de rearticulação simbiótica do exercício que coloca determinado grupo social, neste caso o dos sujeitos negros, distante do espaço decisório do poder. Isso porque muitos descendentes de negras e negros passaram a falsificar sua história, mudando de nome, cidade, hábitos, amigos, para fugir da discriminação, como podemos observar no filme. O exposto evidencia que raça pode ser uma característica fluída, não-fixa, da mesma forma que as identidades contemporâneas se constituem de um cerzido imanente, ininterrupto e espiral. São essas reinvenções identitárias que fazem parte do processo dinâmico e complexo da cultura, a qual é influenciada pelos homens ao passo que os influencia.

O descentramento dos sujeitos no filme *Identidade*

Na década de 1920, a elite americana, assim como hoje, era majoritariamente constituída por pessoas brancas. Percebemos, no filme, que o casal Clare é formado por uma mulher negra, que não se reconhece como tal, e seu marido branco. Hipoteticamente, o que levou Clare a se passar por uma mulher branca, ao largo de grande parte de sua vida, foi a facilidade que encontrou para fazer parte de um todo maior e, pelo ponto de vista da personagem, em um primeiro momento, melhor, o que se resume na ideia de articular o seu estar no mundo a partir da dissimulação que a faz alcançar a sensação de pertencimento.

Esta ideia nos remete a Fanon (2008, p. 34), que afirma: "quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será". O roteiro dá a entender que Clare criou, como estratégia de escape de sua “selva íntima”, o casamento com um homem branco, o que era proibido na época, assimilando os valores e a cultura do marido.

O autor, ainda, atribui a alteração psíquica do sujeito negro e de seu imaginário ao processo de colonização. Refere-se, ademais, às duas dimensões do sujeito negro: aquela que ele tem com seu semelhante e a que tem com outro negro. Tal ideia é perceptível, na narrativa, nas relações de convivência estabelecidas por Clare. Ela passa pela dualidade de viver como mulher branca na sociedade negra de Nova Iorque e de ter a possibilidade de se reencontrar, na condição de mulher negra, em grupo específico que sua amiga lhe oferece.

Tais percepções, que emergem do roteiro fílmico associadas às representações das atrizes e atores, podem ser vislumbradas desde uma perspectiva discursiva alicerçada nas ideias de Patrick Charaudeau (2009). O referido autor afirma que o conceito de identidade implica a tomada de consciência de si mesmo, de seus conhecimentos sobre o mundo, de suas crenças e de suas ações. De certo modo, isso se coaduna com o exposto por Hall (2000) quando observa que as sociedades modernas estão fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade.

A partir desses autores e de seus estudos, como podemos entender as personagens principais e suas identidades? Clare, uma mulher negra, assume sua real identidade ou utiliza de uma "máscara branca" para se passar por outra? E Irene? uma mulher negra, que vive em uma comunidade negra em que afirma não haver nenhum tipo de preconceito, realmente assume seu papel de ativista social quando destrata Zu, a empregada doméstica?

A primeira impressão de Irene sobre a vida que Clare está levando é quase, desde seu olhar, insuportável de aceitar. Afinal, como uma mulher negra se passa por mulher branca a vida inteira? Como ela consegue construir uma relação com um homem que entende a sociedade racialmente hierarquizada? Como ela se desconecta de sua etnia negra e movimenta-se para assumir outra, completamente diferente?

Podemos tentar responder essas questões, guardadas as devidas particularidades do processo colonial, a partir da ideia do processo da rejeição de Charaudeau (2009, p. 1): "é como se fosse insuportável aceitar que outros valores, outras normas, outros hábitos diferentes dos meus sejam melhores, ou, simplesmente, existam". É por esse motivo que Irene, após passar pouco tempo com o casal, deixa-o sem esperanças de um próximo encontro. Ainda consoante Charaudeau, para que exista a tomada de consciência, é necessário que haja a percepção de diferença em relação a um Outro. É somente ao perceber o Outro como diferente, que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária (CHARAUDEAU, 2009). O campo simbólico e o imaginário de um sujeito é, antes de tudo, instituído por meio de um processo de oposição ao Outro do que, propriamente, por manifestações de identificação mútua.

Tais questões estão evidentes nas cenas em que a personagem Irene começa a questionar se aquela vida que ela simulava perfeita, muitas vezes, não era a dissimulação de um processo de depressão e de (des)identificação. E isso só começa a acontecer por meio da convivência com sua amiga: um Outro que representa o diferente, mas que nos possibilita questionar até que ponto seria tão diverso assim, levando-nos à hipótese de que as duas poderiam estar maculadas não só pelo processo da alteração psíquica proporcionado pelo colonialismo, mas também movidas por desejos de domínio de um Outro materializado em suas ambientações históricas.

Clare é uma mulher negra de pele clara que, sem esforço, dissimula sua origem e consegue passar-se por uma mulher branca, usando de artifícios de vestuário e de beleza para empreender o processo de filiação a uma identidade branca, contrariando, dessa forma, sua negritude. Conforme Laraia (2007, p. 11), “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação”. Clare cresce com o desprezo sofrido pelos negros e conhece os valores atribuídos à cultura dos brancos, construindo uma identidade pautada na crença de que se inserir no grupo do Outro é uma maneira eficaz para alcançar melhores oportunidades.

Irene fica curiosa e surpresa ao saber que Clare dissimula sua condição étnico-negra e usa artifícios para simular-se branca e que, não bastasse, é casada com John Bellew, um banqueiro racista. Ele fala dos negros como se fossem ladrões, assassinos e mentirosos sem ao menos notar que é casado com uma negra. Podemos afirmar, dessa maneira, que este enredo é um convite a pensar que as identidades deixam de ser individualizadas. Segundo Hall (2000), as identidades se tornam descentradas e resultam em identidades inacabadas, contraditórias, abertas e fragmentadas, o que forma o sujeito pós-moderno. Neste contexto, observamos que Clare passa por um apagamento identitário, no qual mantém mais de uma identidade para sobreviver nas culturas pelas quais transita.

A indumentária também é um aspecto importante na fotografia do filme, uma vez que revela a posição em que a personagem quer se colocar. Em determinado momento da narrativa, Irene aparece na sala tirando suas luvas brancas após voltar do bairro dos brancos; em outro, veste-se com luvas pretas para ir a um baile da negritude (assumindo sua cor). Clare é rica e vive com muitas facilidades e veste-se melhor, se a comparamos com a personagem Irene. Ainda assim, Irene mora em uma boa casa de classe média, e tem uma empregada doméstica, que é sua subalterna. A personagem Zu aparece várias vezes racionando alimentos na casa de Irene e, em uma das cenas da narrativa, adverte sobre não haver alimentos para convidados. É possível notar que existe, ainda, uma desigualdade de classes sociais dentro da própria sociedade negra, uma estratificação endêmica, o que leva a uma repetição dos arquétipos sociais de poder. A concepção de identidade é, assim, apresentada através do comportamento das personagens. Clare é a que melhor apresenta o sujeito pós-moderno fragmentado, uma vez que passa por uma crise de identidade. Por esse comportamento de representação do sujeito descentrado, ela assume uma identidade de pessoa branca e fala como pessoas brancas quando está no meio delas, e age com pessoas negros de outra forma. Mantém, contudo, as características físicas de uma mulher branca.

O sujeito pós-moderno, de acordo com Hall (2000, p. 13), não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas “assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ corrente [...] nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”. A definição com a qual o autor define o sujeito na pós-modernidade cabe bem à Clare, que representa ser uma mulher de felicidade falsa, um sujeito social em permanente simulacro. Usa beleza e inteligência para sobressair-se aos seus semelhantes, mistura-se na cultura negra, mas, ao mesmo tempo, faz-se diferente. Notamos que Clare começa a se fazer presente na vida de Irene e entendemos que houve um vínculo entre elas no passado, algo como uma possível relação amorosa ainda não resolvida, uma mistura entre desejo e repulsa, uma latência de afeto. Hall (2016) usa Foucault para exemplificar que o sujeito é criado por meio do discurso. Para isso, o observador deve se sujeitar ao discurso, não pode estar fora do discurso dele, de sua homogeneidade discursiva. Dessa maneira, Irene torna-se o discurso e ela não é Irene sem Clare, já que uma identidade se forma através da outra. As oposições constituintes de uma ordem relacional estão pautadas, na obra, na relação inacabada da Clare e Irene.

Clare é a personagem que aborda o conceito de cisão quando cria uma identidade de mulher branca através da imagem por ela instituída, simulando uma branquitude por meio da vestimenta, do cabelo loiro, da maquiagem e dos sapatos. Segundo Fanon (2008), as pessoas negras sofrem opressão desde que nascem, são proibidas de falar a sua língua e devem aprender bem a cultura do Outro, na qual devem se inserir, internalizando não só o funcionamento da linguagem, significados e significantes. Tendem, assim, a assimilar toda a memória cultural da materialidade da palavra. Isso gera uma espécie de complexo de inferioridade e um deslocamento, que se caracteriza como um movimento que existe quando um indivíduo adota uma cultura diferente da sua. Desse modo, o filme mostra que Clare movimentou-se para escapar à condição de vida de mulher negra assolada pela vulnerabilidade e pelo desprezo sociais, a fim de sair da vida que tinha. Para ser participante da sociedade branca, Clare precisou esquecer sua negritude, dando início a um processo de apagamento discursivo-identitário.

A narrativa fílmica, nessa ordem, aborda cultura e identidade por meio da linguagem, que pode ser representada por signos visuais via imagens e signos sonoros através de palavras, música e ruídos. As imagens do filme são projetadas em tela quadrada e a fotografia é em preto e branco. Segundo Perri (2022), essa estratégia serve para indicar o espaço cinzento de dúvidas e agonia da população negra, que apenas existe sem nunca pertencer. Ademais, os tons de preto e branco distinguem o “lado branco” e o “lado negro”, pois, nas cenas do bairro dos ricos, o cenário é amplo, iluminado, com pouca mobília, tudo muito claro e focado. Na casa em que

Irene vive, por sua vez, é tudo mais escuro, os móveis são de madeira, a sala é cheia de enfeites e retratos, a luz é baixa. A ideia é o contraste como uma forma de falar das contradições, sejam elas de identidade, da sociedade do comportamento entre a cultura branca e a cultura negra. O ritmo lento do filme também carrega muitos detalhes que passariam despercebidos se ele tivesse um ritmo mais acelerado, como nas tramas usuais.

Por vezes, a ambientação fílmica passa uma sensação tensa e sufocante de forma a aproximar o espectador das personagens. São muitas as cenas desbotadas e desfocadas, os sons são bem distantes ou muito próximos, dando a sensação de que espectador é o protagonista. Cumpre observar, consoante Hall (2016), que a linguagem opera o sistema de representação por meio de signos e símbolos, que podem ser sonoros, escritos, imagens ou objetos. Esses processos de representação ajudam, diz o autor, a dar significação à história, que se constitui como uma forma de aprender a cultura desvelada por meio de vários signos.

Os signos sonoros, por exemplo, são fortemente expressados pelas palavras na película, em uma cena no baile, enquanto Clare dança com Brian (marido de Irene). No trecho, surge uma conversa de Irene com seu amigo, o escritor Hugh Wentworth. Irene observa “que nem tudo parece ser o que é. É fácil para um negro se passar por um branco, mas não é fácil um branco se passar por um negro. Todos passamos por uma coisa ou outra, não é verdade?”.

Neste caso, é possível analisar determinados aspectos culturais através da representação de cada personagem. Hall (2016, p. 31) explica que “representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas.” Ou seja, a representação confere significado aos sentidos compartilhados entre integrantes de uma cultura. Os sons usados de forma repetida fazem o filme prescindir da linguagem verbal para contar a história, como, por exemplo, a repetição da sequência do badalar do relógio, o sino, o telefone e o som do saxofone do vizinho. Esses elementos mostram espaço de tempo presentes no cotidiano e apontam o estado de harmonia das cenas que, muitas vezes, indicam tédio ou reflexão.

Na segunda parte do filme, os símbolos ficam mais fortes e as identidades das personagens se misturam em um drama que faz com que o espectador deduza os fatos. As metáforas visuais são trabalhadas em vários momentos, como na cena em que um vaso cai de uma janela e quebra. Irene observa-o em pedaços e entende que não há conserto. É o momento em que Clare está em sua casa brincando com seus filhos e tomando seu lugar. Irene percebe que existe um risco de atração e rejeição e essa diferença é o que torna o sujeito uma possível ameaça. O vaso quebrado representa, nessa ordem, a destruição do seu papel como membro familiar. Em outro momento da narrativa, Irene quebra um bule, pois não suporta mais a

possível relação de Clare com seu marido. A construção da narrativa enfatiza significados ao bule, uma vez que é um objeto de família e representa a genealogia de Brian. Por ser algo de estima ao marido, o ato de destruí-lo representa uma forma de punição pela relação entre ele e Clare. É possível, ainda, interpretar a cena como uma ruptura com o fazer e o servir o Outro, já que o objeto bule é usado para fazer e servir o chá: “Que inspiração! Eu só precisava quebrá-lo para ele sumir”. Faz-se presente, desse modo, a representação da cultura por meio da linguagem visual, da simbologia, do vaso e do bule quebrados. A relação de servidão, nesse sentido, está rompida.

Outro elemento visual importante é a rachadura no teto: Brian, ao acostar-se na cama, a observa como símbolo de sua vida rompendo a partir do momento em que Clare entra na vida da família e ele resiste à sua presença. É possível, ainda, que entendamos a metáfora da rachadura, através da visão de Irene, mulher fragilizada e deprimida, como um vão entre a sua identidade e a de Clare. Essa cisão, compreendemos, não se dá apenas em relação à negritude, mas também em relação à identidade sexual das personagens, que, por vezes, o filme insinua, mas não explora.

A rachadura é, desse modo, uma fronteira imaginada entre vidas que se consoam. Outra metáfora visual que mostra a fragilidade de Irene é a cena em que o leite derrama e parece fazer jus ao ditado popular “não chore o leite derramado”. Nesse momento, a vida da personagem vira do avesso: ela fica sem sua cozinheira e, por um momento, percebe a depressão em que está vivendo. Tenta, então, unir a família e demonstrar que precisa ser vista como mãe e mulher, novamente, atitude que não traz resultado algum, pois parece ter-se tornado desnecessária no âmago familiar. O espelho reflete sua imagem e mostra a imagem duplicada de quem se olha; Irene se analisa como o oposto de si. É a identidade igual e diferente, como as cenas relevam o preto e o branco em muitos momentos.

A narrativa faz com que o espectador se coloque no lugar do Outro, experimentando movimentos inconstantes das identidades que ele vê na tela. Ao final do filme, Clare se percebe desprovida de sua identidade, confusa em sua performance. Depois de tantos anos representando o papel de mulher e esposa branca, é desmascarada e perde sua posição. Por outro lado, não pode reassumir seu antigo Eu, pois é vista como alguém que renegou suas origens. Sem perspectiva, acaba sofrendo um acidente, que não é claramente explicado, e que provoca sua morte, em um momento de vacilo da narrativa. No último ato, o filme faz outra referência ao título *Passing* ao apresentar a morte, ou passagem, da personagem.

Considerações finais

Para Hall (2000; 2016), a representação significa utilizar a linguagem para expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. Nos diferentes diálogos das personagens de *Identidade*, é possível entender a representação do mundo desde pontos de vista diversos, tais como: de Irene, mulher negra que vive em uma comunidade negra; e Clare, mulher negra que se passa por mulher branca e vive em uma comunidade branca e racalista. Esses dois exemplos de representações totalmente divergentes das personagens mostram que a mulher negra pode ser considerada, dependendo da representação dada pelo indivíduo, inferior, superior, marginalizada, não-marginalizada, entre outras possibilidades. Tudo isso pode ser percebido por signos visuais – imagens – e sonoros, em palavras, músicas e ruídos, visando comunicar o receptor sobre aspectos culturais.

A representação das mulheres negras e brancas no filme é marcante, pois não é significativa apenas pelas cenas nas quais aparecem e contracenam, e que mostram o cotidiano dos diferentes grupos sociais nos anos 1920, mas também devido ao desvelamento de todo o nosso sistema de conceitos e mapas conceituais, os quais carregamos do grupo ao qual estamos inseridos e vemos retratados na narrativa. Isso nos traz, também, as percepções dos grupos aos quais não pertencemos ou somos familiarizados. As duas principais personagens, tão diferentes entre si, acabam desejando, uma e outra, ter o que lhes falta: Clare, os amigos para se relacionar; Irene, a aceitação em um mundo branco.

O filme apresenta um relacionamento complexo, não coloca a mulher negra que se passa por branca como vilã, tampouco a mulher negra, que assume sua identidade racial, como mocinha; mesmo porque Irene, ao passo que condena a farsa de Clare, parece orgulhar-se com o fato dela ter conseguido viver durante tanto tempo em um mundo em que não deveria ser o dela. Consoante Carmelo (2017, p. 37), “passa a rejeitar na outra o que não consegue admitir em si própria: a vontade de pertencer ao centro, ao invés da margem”.

Enfim, entendemos que esta representação cultural apresentada pelo filme foi a maneira pela qual as personagens conseguiram lidar com o mundo à sua volta, reelaborando suas identidades a partir do contexto histórico do período, suas experiências e interações pessoais. E mais: conseguiram criar estratégias de sobrevivência em uma sociedade em que o corpo feminino se apresenta sempre vulnerável; e o corpo da mulher negra vulnerável e maculado pelos traumas que o processo colonial operou no imaginário social americano.

Referências

CARMELO, Bruno. **Papo de cinema – Identidade**. 2017. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/identidade/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. *In*: PIETROLUONGO, Márcia. (org) **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

FANON, Frantz. O negro e a linguagem. *In*: _____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

_____. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUCRio/ Apicuri, 2016.

KARNAL, Leandro. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAGNOLI, Demétrio. **Uma gota de sangue – história do pensamento racial**. São Paulo: Contexto, 2009.

NIX, Emily; QIAN, Nancy. **The Fluidity of Race: "Passing" in the United States, 1880-1940**. NBER WORKING PAPER SERIES. 2015. Disponível em: <https://www.ssb.no/en/forskning/kommende-begivenheter/research-seminar-the-fluidity-of-race-passing-in-the-united-states-1880-1940#:~:text=Using%20the%20full%20population%20of,a%20higher%20percentage%20of%20whites>. Acesso em: 13 abr. 2022.

PERRI, Aléxis. **Crítica Identidade**. Disponível em: <https://observatoriodocinema.uol.com.br/criticas/2021/11/critica-identidade>. Acesso em: 13 abr. 2022.